

## A RELAÇÃO ENTRE A MOTIVAÇÃO DO CADETE PARA ESTUDAR E SEU DESEMPENHO ACADÊMICO

**Ricardo de Queiros Batista Ribeiro**

Doutorando em Psicologia pela UFRRJ. Atualmente é professor de Psicologia na AMAN.

**Vanessa Garrot de Souza Costa**

Mestre em Enfermagem pela UERJ. Enfermeira do Hospital Universitário Antonio Pedro/UFF.

### RESUMO

O presente artigo propõe-se a contribuir para a produção de conhecimento e reflexões acerca de aspectos pedagógicos da formação do oficial combatente do Exército Brasileiro. Tem como objetivo a análise da motivação do Cadete para o estudo e sua influência no desempenho em avaliações de acompanhamento e na percepção dos processos de ensino e aprendizagem, mais especificamente na disciplina de Psicologia. Dos dados obtidos, de questionário aplicado aos cadetes do 2º ano, destacaram-se grupos com baixa, moderada e alta motivação para o estudo e realizou-se o comparativo com desempenho em avaliações e percepção dos processos pedagógicos. Por fim, concluiu-se que os níveis de motivação para o estudo afetam tanto o desempenho nas avaliações como a percepção da eficácia dos processos de ensino e aprendizagem.

**Palavras-chave:** Motivação. Cadetes. Academia Militar das Agulhas Negras. Exército Brasileiro.

### ABSTRACT

This article aims to contribute to the production of knowledge and reflections on pedagogical aspects of the training of the combatant officer of the Brazilian Army. The scope of this study is the analysis of Cadet's motivation for the study and its influence on performance in follow-up evaluations and in the perception of teaching and learning processes, more specifically in the Psychology Chair. From the data obtained from a questionnaire applied to 2nd year cadets, groups with low, moderate and high motivation for the study stand out, and the comparison with performance in evaluations and perception of the pedagogical processes was performed. Finally, it was concluded that the levels of motivation for the study affect both the evaluation performance and the perception of the effectiveness of the teaching and learning processes.

**Key-words:** Motivation, Cadetes, Academia Militar das Agulhas Negras, Brazilian Army.

### 1 INTRODUÇÃO

Em pesquisa realizada no ano de 2017, no âmbito da Cadeira de Psicologia da AMAN, buscou-se verificar se o uso de Metodologias Ativas de Aprendizagem (MAA) influenciaria na motivação do cadete para o estudo. Utilizou-se de um questionário fechado dividido em duas partes. Uma das partes com perguntas referentes ao processo de ensino e aprendizagem e outra com perguntas de autoavaliação. Complementou-se a pesquisa com um questionário com perguntas abertas acerca das técnicas de ensino. Levantou-se, ainda, dados complementares de conversas informais com professores e instrutores inspirando-se na etnometodologia.

Chegou-se a algumas constatações que requeriam a continuidade da investigação. Entre elas verificou-se que “as técnicas de ensino não são, em si mesmas, motivadoras ou desmotivadoras. Tais técnicas são apenas ferramentas empregadas por pessoas” (SILVA, RIBEIRO, VALENTE, 2017).

A partir das contribuições, da supracitada pesquisa, a equipe da Cadeira de Psicologia realizou mudanças, no ano letivo de 2018, visando melhorias no processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, priorizou a utilização das técnicas de ensino indicadas, pelos cadetes, como mais motivadoras além de implementar o uso de avaliações de acompanhamento (AA) ao término de cada assunto, sendo algumas individuais, porém a maioria no formato de trabalho em grupo. O objetivo dessa medida era

incentivar o estudo continuado da disciplina evitando-se que o cadete realizasse apenas o estudo da disciplina às vésperas das avaliações.

Dessa medida implementada, percebeu-se a melhoria nas notas dos alunos, em comparação com o ano anterior. A média das AA em 2017 foi 6,41 enquanto que em 2018, obteve-se a média de 7,54. Verificou-se, ainda, um progressivo aumento na qualidade dos trabalhos produzidos que passaram a ter conformidade com as normas da ABNT.

Prosseguindo nas investigações em 2018, o questionário fechado, aplicado em 2017, foi aperfeiçoado intencionando realizar análises estatísticas complementares. Buscou-se também ampliar a amostra possibilitando maior consistência dos resultados. No contexto em que foi aplicado, para que se compreenda a sua importância, é preciso destacar que o **processo de autoavaliação** possibilita ao aluno perceber a gerência dos próprios comportamentos, pensamentos e sentimentos, ou seja, a sua autorregulação. Dessa forma, o estudante é capaz de conquistar maior autonomia e também responsabilidade sobre o seu processo de aprendizagem. A avaliação da disciplina possibilita verificar a percepção, dos Cadetes, sobre os processos de ensino e aprendizagem adotados e suas potencialidades em atender aos fins a que se destinam.

Inicialmente, buscou-se verificar a hipótese nula ( $H_0$ ) na qual a média da avaliação do processo de ensino e aprendizagem é igual para diferentes perfis de alunos estabelecidos pela média da autoavaliação. Verificou-se, ainda, a hipótese alternativa ( $H_1$ ) na qual a média da avaliação do processo de ensino aprendizagem aumenta conforme se aumenta a média do perfil do aluno.

A partir da comprovação da hipótese alternativa, a pesquisa direcionou-se para investigar a motivação dos cadetes para o estudo verificando as relações entre o perfil do aluno segundo sua autoavaliação (classificando-o em três níveis de “motivação”) e o seu desempenho acadêmico.

[...] Considera-se o cadete motivado para o estudo quando este utiliza seu tempo para esta atividade com **intensidade, direção e persistência**. A aquisição desse hábito e sua explicitação pela dedicação aos estudos revestem-se de característica primordial na contemporaneidade e vai ao encontro das premissas do processo de transformação do Exército Brasileiro (SILVA, RIBEIRO, VALENTE, 2017).

Procurou-se, também, verificar às relações do perfil do aluno com a sua avaliação do processo de ensino e aprendizagem. Dessas verificações buscou-se responder a seguintes problemas de pesquisa: O cadete mais motivado possui melhor desempenho nas avaliações? O cadete mais motivado avalia melhor o processo de ensino aprendizagem utilizado pela disciplina?

A relevância dessa investigação recai na possibilidade de aperfeiçoar os processos de ensino e aprendizagem. As constatações poderão, ainda, auxiliar na proposição de alternativas de intervenção. O objetivo geral é verificar como o perfil de aluno com “alta motivação”, “moderada motivação”, e “baixa motivação” influenciará em seu desempenho nas avaliações de acompanhamento e na sua percepção dos processos de ensino e aprendizagem.

A fim de viabilizar as reflexões propostas da pesquisa em questão, foram elaborados alguns objetivos específicos, cuja organização está baseada da seguinte maneira: abordar-se-á o conceito de motivação para os fins desse trabalho; buscar-se-á delimitar os papéis dos professores e aprendizes num contexto de ensino superior por competência com utilização das MAA e sala de aula invertida; realizar-se-á uma reflexão acerca das possibilidades de intervenção em cadetes com perfil de aluno com “baixa motivação”.

## 2 METODOLOGIA

No que tange à metodologia, o presente trabalho está baseado nas contribuições de Penna (2013) sobre o paradigma científico da contemporaneidade, de Prodanov e De Freitas (2013) que esclarecem os aspectos gerais de uma pesquisa científica, e de Breakwell (2010) que ilumina particularidade da pesquisa em psicologia.

Do ponto de vista de sua natureza tratou-se de uma pesquisa aplicada que objetiva gerar conhecimentos úteis para a solução de problemas específicos. Do ponto de vista de sua natureza, tratou-se de uma pesquisa descritiva, pois a partir da aferição de algumas características do fenômeno

da motivação do cadete para o estudo, levantados pelo questionário, buscou-se registrar e descrever os fatos sem interferir neles, verificando as correlações de variáveis. Do ponto de vista da análise dos dados, foram utilizados recursos metodológicos mistos, com interpretações fundamentadas em critérios qualitativos e quantitativos.

Utilizou-se dos seguintes procedimentos técnicos: inicialmente realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental, posteriormente o levantamento de dados pela aplicação de um questionário disponibilizado pelo Google Formulário. O questionário é composto por três partes: dados socioeconômicos educacionais, avaliação do processo de ensino e aprendizagem, e autoavaliação, todas com preenchimento obrigatório. Existia ainda, uma última questão aberta com preenchimento em caráter voluntário.

### 3 DESENVOLVIMENTO

#### 3.1 MOTIVAÇÃO

Inicialmente, cabe delimitar o constructo de motivação que será utilizado como referencial para o presente trabalho. Essa necessidade se impõe pela grande variedade de autores que a definem, cada qual com suas particularidades que revelam sutis diferenças.

Cada um dos estudiosos da motivação possivelmente estava orientado a responder a seguinte pergunta: o que motiva as pessoas? As explicações flutuam entre fatores externos e/ou fatores internos aos indivíduos. Considera-se, neste trabalho, que ambos os aspectos possuem uma parcela de “responsabilidade” conforme o indivíduo e a situação. Pode-se ilustrar tal afirmativa considerando que um aluno poderá achar difícil e entediante ler uma bibliografia indicada em uma disciplina por 15 min, mas ficaria animado em ler postagens em mídias sociais por horas.

Assim, tenha em mente, quando analisarmos a motivação, o nível varia tanto entre indivíduos quanto em apenas um único indivíduo em diferentes situações. (ROBINS, 2010, p. 196)

A motivação é o processo responsável pela intensidade, pela direção e pela persistência dos esforços de um indivíduo para alcançar determinada meta. Direcionou-se o foco para as metas de aprendizagem do estudante (ROBINS, 2010).

Os três elementos-chave em nossa definição são intensidade, direção e persistência. A *intensidade* refere-se a quanto de esforço a pessoa despense. É o elemento ao qual a maioria de nós se refere quando falamos de motivação. Contudo, uma alta intensidade não é capaz de levar a resultados favoráveis de desempenho [...], a menos que canalizada em uma direção favorável [...], precisamos considerar a qualidade do esforço, tanto quanto sua intensidade. O tipo de esforço que devemos buscar é aquele que vai em direção aos objetivos da organização e que é coerente com esses objetivos. Por fim, a motivação tem uma dimensão de *persistência*. Essa é uma medida de quanto tempo uma pessoa consegue manter seu esforço. Os indivíduos motivados mantêm-se na realização de uma tarefa até que seus objetivos sejam atingidos. (ROBINS, 2010, p. 197, grifo do autor)

Os docentes pouco podem fazer para alterar os fatores internos ao indivíduo no que se refere a motivação para o estudo. Todos os esforços, dos docentes, direcionam-se para a utilização de técnicas de ensino (fatores externos) que possibilitem maior estimulação para a aprendizagem. Os indivíduos que possuem como fator interno uma elevada motivação para o estudo serão beneficiados pelo uso de técnicas de ensino mais estimulantes. Enquanto que aqueles que não possuem alta motivação para o estudo, como um fator interno, serão estimulados ao estudo pelas demandas (imposições) do processo de ensino aprendizagem.

O que se pretende, com as técnicas de ensino, é atingir os objetivos de aprendizagem previstos pela organização. Não se pode descartar a possibilidade de que o estudante, em virtude do processo de ensino aprendizagem, venha a desenvolver o hábito para o estudo, realizando essa atividade com a motivação desejada pela instituição. A importância do desenvolvimento do hábito de estudar, nos Cadetes, é evidenciada pelas características e necessidades da contemporaneidade.

As quantidades de conhecimentos disponíveis superam a capacidade das instituições de transmissão. Assim sendo, a rapidez com que são atualizados (os conhecimentos e as tecnologias)

provocam o fenômeno em que o discente necessita atualizar-se logo após o término de sua formação, ou seja, a contemporaneidade impõe a necessidade de atualização permanente.

O docente, na atualidade, principalmente no ensino superior, não será capaz de esgotar os conteúdos de sua disciplina com seus discentes. Dessa forma evidencia-se a importância de desenvolver, nos aprendizes, o hábito de estudar, além da competência de saber pesquisar por conta própria. O docente entregará “mapa e bússola” da disciplina e o discente fará a navegação explorando novas áreas sempre que a realidade demandar daquele conhecimento.

Uma vez estabelecido este hábito visualiza-se que os esforços despendidos nos estudos proporcionem **recompensas diretas e indiretas** que possibilitem a mudança de atitude (fator interno) em relação a motivação para o estudo.

Ressalta-se que **a teoria da expectativa**, de Victor Vroom, que possui bom embasamento em pesquisas, sustenta que **a expectativa dos indivíduos sobre as recompensas influencia o desempenho com impacto na motivação** (ROBINS, 2010).

Assim sendo, a relação esforço-desempenho levará ao desempenho-recompensa. O professor poderá oferecer recompensas imediatas ao longo da disciplina pelas avaliações de acompanhamento, além do registro do fato observado positivamente (FO+). O FO+ poderia ampliar seu poder de recompensa, influenciando na motivação, se este possibilitasse recompensas concretas aos cadetes que podem ser oferecidas pela instituição.

No caso de uma escola de formação pretende-se que o futuro oficial obtenha as competências necessárias aos exercícios dos cargos e das funções que desempenhará em conformidade com o atual cenário do conflito armado. A atualidade é da guerra assimétrica e exige uma formação compatível com a complexidade e incerteza deste novo cenário. Nesse contexto se destaca, como fundamental, a necessidade do militar aprender a aprender. O militar necessita desta competência primordial, que o possibilitará manter-se constantemente atualizado sobre as novas tecnologias e demais demandas da contemporaneidade.

A emergência dessa nova competência implica uma mudança no perfil profissiográfico do militar. A aprendizagem, que se realiza através da dedicação ao estudo, não se limita apenas ao período de formação, ele aparece como uma atitude que deve estar inserida na rotina dos militares. Deve-se incentivar a criação do hábito de estudo de modo que este se torne um fator interno ao indivíduo, deixando este de necessitar de estímulos externos para despender ações voltadas para o estudo.

Ao se adotar uma técnica de ensino com esse propósito, inicialmente, os alunos com alta motivação terão maiores níveis de satisfação com o uso de “técnicas de ensino mais estimulantes”. Espera-se menores níveis de satisfação daqueles que não possuem uma alta motivação para o estudo. Porém, todos os cadetes atingirão, durante o processo de formação, níveis de desempenho compatíveis com o que se espera do futuro oficial.

A motivação para o estudo, durante o período de formação, é um indicativo importante de que a formação dos militares está adequada às necessidades contemporâneas. A contemporaneidade nos desafia com sua acelerada mudança, na qual o conhecimento é rapidamente atualizado e ampliado. O militar precisa [está preparado para] acompanhar essas mudanças (SILVA, RIBEIRO, VALENTE, 2017).

Neste estudo considera-se com alta motivação àqueles estudantes que assinalaram que “sempre” ou “quase sempre” executam a maioria das tarefas indicadas nos quesitos de autoavaliação. E considera-se com moderada motivação àqueles estudantes que indicaram “algumas vezes”.

A escala utilizada, estilo Likert, varia de 1 à 5 (1 = nunca; 2 = raramente, 3 = algumas vezes, 4 = quase sempre; e 5 = sempre), considerou-se que os alunos com média igual ou superior a 4 encontram-se no universo de alunos com alta motivação para o estudo. E àqueles alunos com média igual ou superior a 3 e menor que 4 são os com moderada motivação.

Os alunos que indicaram “nunca” ou “raramente” para a maioria dos quesitos de autoavaliação e ficaram com média inferior a 3 são considerados os com baixa motivação para o estudo.

Para um entendimento mais aprofundado da situação dos discentes com perfil de aluno baixa motivação para o estudo, seria necessário verificar, se estes estão com dificuldade “externa” ou “interna” que afetam seu desempenho e conseqüentemente sua motivação. Esse estudo não almejou essa profundidade de análise porém reconhece sua relevância para estudos futuros.

Como dificuldades externas podem ocorrer problemas familiares, conjugais, financeiros, etc. E como dificuldade interna pode-se encontrar problemas na gestão do tempo, dificuldade em encontrar a maneira de estudar mais compatível com sua forma de aprender, dificuldade em organizar-se e/ou a presença de transtorno psicológico.

Nestes casos, de alunos com baixa motivação, os processos de ensino e aprendizagem, elaborados pelos professores, por mais estimulantes que sejam, pouco efeito obterão em proporcionar ao aluno um melhor desempenho nos estudos e avaliações, e dificilmente conduzirão os alunos para o desenvolvimento do hábito de estudo. Estas dificuldades serão melhor abordadas pelo acompanhamento psicopedagógico e/ou psicológico.

Neste quesito verifica-se uma vantagem “gigantesca” da formação do cadete da AMAN, que possui uma seção psicopedagógica, em comparação aos discentes em Instituições de Ensino Superior Civis. A presença de seção psicopedagógica ou de orientação educacional, no ensino superior, é uma raridade.

O EB necessita de militares comprometidos com o auto aperfeiçoamento que se percebe pela motivação ao estudo. As escolas de formação revelam-se como o lugar adequado para o desenvolvimento desta competência [pela aquisição] [...] deste hábito (SILVA, RIBEIRO, VALENTE, 2017).

### 3.2 O ENSINO SUPERIOR

A docência no ensino superior tem se tornado uma atividade complexa e cheia de desafios. Complexa diante das mudanças da Era do Conhecimento, que influi no perfil dos discentes pelo surgimento de novas tecnologias e desafiadora, pelo acelerado processo de transformações sociais e educacionais.

Ruíram-se as certezas. Esta é a época das incertezas que afetam todas as áreas, principalmente a educação que possui o encargo de preparar os cidadãos e profissionais do futuro. Antigamente se tinham certezas sobre o perfil profissional que se pretendia formar, atualmente prepara-se o profissional para a incerteza, este aprendiz deverá dominar a competência de auto-aperfeiçoamento.

O que se espera do professor atualmente difere bastante do que se vivenciava até poucos anos atrás. Agora o professor necessita utilizar-se das metodologias ativas de aprendizagem, organizar o conteúdo de maneira interdisciplinar, orientado a aplicação na vida profissional, utilizando-se das novas tecnologias. Não existe mais espaço para **improvisos**, faz-se necessário uma minuciosa preparação, além de elaborado planejamento das atividades e de como agir em sala de aula, assim ocupando o papel de **facilitador da aprendizagem**.

Em contrapartida espera-se do aluno, agora denominado aprendiz, uma postura muito diferente daquela passiva de alguns anos atrás. O aprendiz é ativo na construção de seu conhecimento. Necessitará realizar estudo prévio, saber pesquisar para ampliar seu conhecimento, e ter a iniciativa de levar as dúvidas para sanar em sala de aula.

O espaço da sala de aula ganhou outros contornos. Antigo lugar de transmissão / absorção de conhecimento reverteu-se em espaço para esclarecimento e execução de atividades interdisciplinares voltadas para a prática profissional.

Ao chegarem ao nível superior alguns estudantes, talvez mais do que o esperado, ainda não possuem as competências do aprendiz ativo. Vieram de realidades educacionais nas quais exerciam o papel de alunos passivos.

Nesse atual sistema educacional o aprendiz necessita conhecer o programa das disciplinas e preparar-se para chegar em sala de aula. Àqueles estudantes que chegam nesse espaço sem realizar sua preparação prévia se tornam espectadores “ausentes”. Apenas a presença física não possibilita a aprendizagem.

Percebe-se que a Era do Conhecimento exige um perfil diferente de docente e discente.

O docente necessita de domínio do conteúdo, não sendo suficiente, apenas conhecimentos básicos. Assim, o domínio numa área de conhecimento exige a competência da pesquisa. Dessa forma, os professores devem, além de exercer as atividades de ensino, realizar pesquisas, sejam pelos cursos de mestrado e doutorado, ou em pesquisas de interesse da instituição alinhadas com a sua disciplina.

A exigência de pesquisa para o docente dos cursos de graduação traz as marcas da produção intelectual e científica, pessoal e própria do professor como profissional intelectual que é e que o coloca para além de uma posição de ser apenas repetidor dos grandes clássicos. (GAETA, 2013, p. 99)

O docente necessitará, também, de conhecimentos das técnicas de ensino, da interdisciplinaridade pretendida, da aplicação prática do conhecimento, planejar suas ações em sala de aula e às dos aprendizes para além dela.

O discente necessitará de uma atitude ativa, o que implica preparação prévia para aula e interesse em atividades de pesquisa para ampliar seus conhecimentos.

Percebe-se que tamanha modificação no processo de ensino aprendizagem, com novas definições de papéis, estabelece compulsórias adaptações dos docentes e discentes.

É comum encontrarmos cursos de formação para docência do ensino superior, mas quem prepara **os discentes** para viverem esses desafios?

### 3.3 A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

O estudante de graduação necessita de orientação educacional? Depende, assim como ocorre no ensino fundamental e médio. As demandas, certamente, serão diferentes, mas apontam para a exigência da existência de profissionais capacitados para o atendimento de tal público.

Poucas instituições de ensino superior possuem repartições destinadas a orientação educacional. Entretanto, este não é o caso da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), que possui uma seção psicopedagógica com profissionais capacitados para atenderem as diversas demandas dos cadetes.

Percebe-se, porém, uma escassez de instrumentos que possibilitem uma ação preventiva identificando àqueles estudantes não adaptados ao ensino superior. Apesar dos esforços na elaboração desses instrumentos, ainda estão em desenvolvimento.

Neste contexto sugere-se a autoavaliação como uma possibilidade de alcançar àqueles discentes com dificuldades antes de efetivamente apresentarem resultados ruins em avaliações e proporcionando a intervenção oportuna para auxiliar o aluno na aquisição de competências primordiais ao ensino superior da contemporaneidade, um perfil de aluno com alta motivação para o estudo.

### 3.4 RESULTADOS E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Como técnica de coleta de dados utilizou-se um questionário fechado com uma pergunta aberta ao final. Sua aplicação foi on-line pelo Google formulário, em caráter voluntário, com a adesão de 216 cadetes. Todos cadetes do 2º ano, com exceção aos do curso de Infantaria que estava em atividade externa na semana de coleta de dados. Os questionários foram respondidos anonimamente, após a aceitação do termo de consentimento livre e esclarecido, com objetivo de atingir maior integralidade das respostas.

Dos dados coletados destacaram-se relevantes aos objetivos deste estudo as seguintes informações.

#### 3.4.1 Dados relativos à autoavaliação

**Tabela 1** - Descritores estatístico da autoavaliação

N	Válido	216
	Ausente	0
Média		2,9412
Mediana		2,9150
Modo		3,00
Desvio Padrão		,60716
Variância		,369
Intervalo		3,66
Mínimo		1,17
Máximo		4,83

**Fonte:** dados de questionário aplicado pelos autores

Verifica-se, na autoavaliação, uma estreita proximidade entre média e mediana, que ficaram no entorno de 2,9 e a moda que foi 3, em uma escala de 1 à 5, na qual o 3 indica ALGUMA VEZES realizaram as atividades descritas no questionário de autoavaliação. Em um intervalo de 3,66 a menor média foi 1,17 (NUNCA) e a melhor média foi 4,85 (SEMPRE). Estes dados sugerem existir uma diversidade nos níveis de motivação para o estudo, entre os estudantes da disciplina, conforme os critérios estabelecidos, apontando um enorme desafio aos professores.

Destaca-se que a média mínima de 1,17 aponta para aqueles cadetes que nunca ou quase nunca realizam as atividades indicadas na autoavaliação. São ela: ser pontual e assíduo, conhecer o PLADIS da disciplina, realizar estudo prévio, levar questões relevantes para discussão, pesquisar para ampliar o conhecimento, e acessar o Ambiente Virtual de Aprendizagem. A média máxima de 4,83 aponta para aqueles cadetes que sempre ou quase sempre realizam as atividades elencadas acima.

**Tabela 2 - Frequência da autoavaliação**

N	Válido	216
	Ausente	0
Baixa motivação		108
Moderada motivação		96
Alta motivação		12

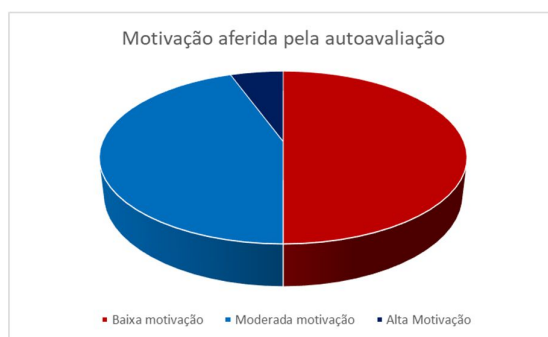
**Fonte:** dados de questionário aplicado pelos autores

**Tabela 3 - Porcentagem da autoavaliação**

N	Válido	216
	Ausente	0
Baixa motivação		50%
Moderada motivação		44,44%
Alta motivação		5,56%

**Fonte:** dados de questionário aplicado pelos autores

### Gráfico 1 - Motivação



Fonte: dados de questionário aplicado pelos autores

A frequência e a porcentagem auxiliam na percepção do quantitativo de alunos, nos três grupos delimitados para motivação. Verifica-se um elevado número de alunos com baixa motivação para o estudo. Esperava-se uma porcentagem menor nesse grupo. A baixa motivação sugere alunos que ainda não desenvolveram o perfil de estudante ativo.

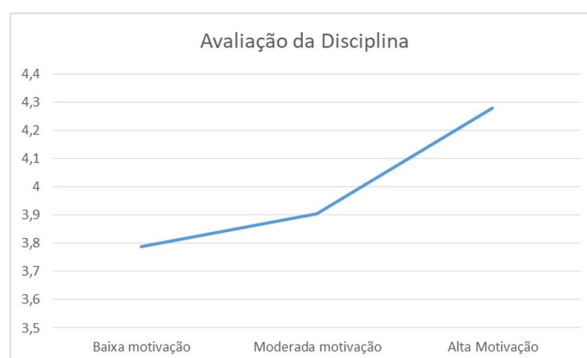
### 3.4.2 Dados comparativos entre autoavaliação e avaliação da disciplina

**Tabela 4** - Média de autoavaliação x avaliação da disciplina

N	Válido	216
	Ausente	0
AUTOAVALIAÇÃO		AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA
	Baixa motivação	3,788
	Moderada motivação	3,906
	Alta motivação	4,278

Fonte: dados de questionário aplicado pelos autores

**Gráfico2** - Motivação x avaliação da disciplina



Fonte: dados de questionário aplicado pelos autores

Verifica-se, também, uma tendência ascendente na avaliação dos processos de ensino e aprendizagem da disciplina, que começa com média mais baixa no grupo dos alunos com baixa motivação até atingir o nível mais elevado no grupo da alta motivação, com uma distribuição preocupante, pois 50% dos cadetes indicaram uma baixa motivação para o estudo. Enquanto que apenas 5,66% indicaram possuir uma alta motivação para o estudo. Os moderadamente motivados representam 44,44% da amostra. Esses dados sugerem a necessidade de técnicas de ensino mais estimulantes e, em paralelo, o desenvolvimento de atividades que possibilitem aumentar a motivação enquanto um conteúdo atitudinal (auto aperfeiçoamento).



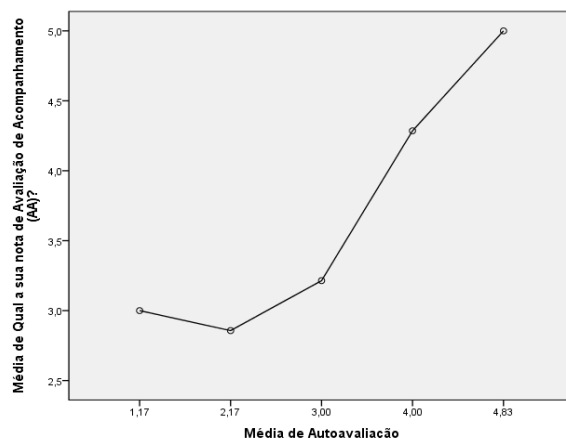
### 3.4.3 Dados comparativos entre autoavaliação e desempenho em AA

**Tabela 5 - Frequência da nota de AA**

N	Válido	216
	Ausente	0
	não respondido	17
	menor que 4,99	3
	entre 5,0 e 5,99	9
	entre 6,0 e 6,99	42
	entre 7,0 e 7,99	100
	maior que 8,0	45

Fonte: dados de questionário aplicado pelos autores

**Gráfico 3 - autoavaliação x AA (respondidos)**



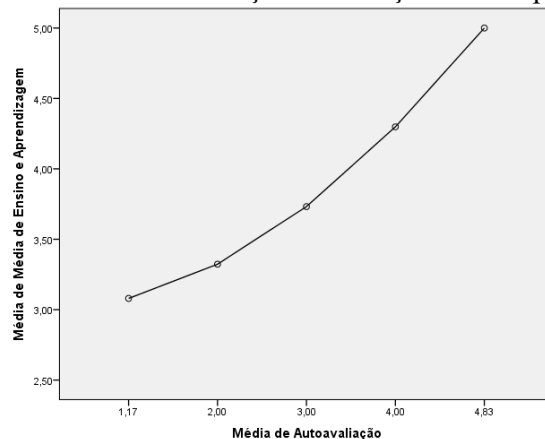
Fonte: dados de questionário aplicado pelos autores

Os alunos com média de autoavaliação 1,17 e 2,17 tiveram nota menor que 4,99 nas AA enquanto que aqueles com média 4,83 tiveram notas superiores a 8,00.

Assim, na amostra constata-se que a autoavaliação como uma possibilidade de detectar a partir do perfil do aluno o desempenho provável.

### 3.4.4 Dados comparativos entre autoavaliação e avaliação da disciplina:

**Gráfico 4 - Autoavaliação x avaliação da disciplina**



Fonte: dados de questionário aplicado pelos autores

Verifica-se, ainda, igual tendência ascendente, no comparativo entre autoavaliação e avaliação do processo de ensino aprendizagem. Dessa forma, os alunos com baixa motivação são os que avaliam os processos de ensino e aprendizagem como pouco satisfatórios.

Considerando que os cadetes possuem rotinas muito semelhantes, quanto a disponibilidades de tempo e recursos, não se considerou, neste estudo as influências de fatores ambientais da AMAN. Analisando de forma global, os cadetes possuem as mesmas condições de estudo. Dessa maneira, a baixa motivação pode ser entendida por condicionantes internas dos indivíduos. No entanto, não se descarta a possibilidade da implementação de condições ambientais favoráveis ao desenvolvimento desta competência, além da possibilidade de fator externo a AMAN afetar a motivação.

Os dados apontam que os níveis de motivação influenciam no desempenho da disciplina, o crescimento das notas ocorre na ascendente quanto comparados os níveis de motivação com os desempenhos nas avaliações.

O nível de motivação também afeta a percepção dos processos de ensino e aprendizagem. Quanto maior a motivação melhor a avaliação.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente verificou-se a validade da hipótese alternativa: a média da avaliação do processo de ensino e aprendizagem aumenta em conformidade ao aumento da média da autoavaliação.

Os cadetes pertencentes ao grupo com alta motivação para o estudo obtiveram os melhores desempenhos nas avaliações. Foram, também, os que realizaram uma melhor avaliação do processo de ensino e aprendizagem.

Em ambos os casos, os dados indicam uma ascendente, na qual, os cadetes com baixa motivação para o estudo obtiveram as piores notas e realizaram as piores avaliações do processo de ensino e aprendizagem da disciplina. Enquanto que os cadetes com motivação moderada e alta obtiveram as maiores notas e realizaram as melhores avaliações do processo de ensino e aprendizagem da disciplina.

O questionário de autoavaliação mostrou-se um instrumento interessante para identificar os alunos com baixa motivação, seu uso possibilita indicar aqueles cadetes com necessidade de intervenção por orientações escolares.

Essa orientação poderá ser executada na SU do militar, pela ação de comando do Comandante de SU e Comandante de Pelotão, e/ou, pela Seção Psicopedagógica. Inicialmente deve-se verificar se a causa da baixa motivação recai em fatores externos e/ou internos, passando-se a intervenções que possibilite ao aluno obter as capacidades e condições situacionais que favoreçam a motivação para o estudo.

Os professores, durante as aulas, poderão registrar as observações que auxiliarão nas intervenções. As demandas do processo de ensino e aprendizagem, da atualidade, orientam o docente a elaborar atividades que proporcionem a todos os alunos condições de aprendizagem, porém para aqueles alunos com baixa motivação verifica-se a necessidade de intervenções complementares.

O desenvolvimento do conteúdo atitudinal autoaperfeiçoamento, que se consubstancia na motivação para o estudo, poderá ser realizado pelo professor com o registro dos fatos observados positivamente e, em parceria com o Corpo de Cadetes, que pode transformar esse “FO+” em “recompensas” mais estimulantes. Assim, pelo esforço/desempenho o Cadete receberá a recompensa, que materializará o desempenho/recompensa fortalecendo a motivação para o estudo.

Conclui-se que, o questionário de autoavaliação, no contexto utilizado, revelou uma correlação entre a motivação e o desempenho (notas de AA). Indicou uma necessidade de aprofundar as pesquisas identificando causas e possibilitando intervenções que reduzam o alto percentual de cadetes com baixa motivação para o estudo da disciplina de Psicologia. A motivação do estudante, extrapola o ambiente da sala de aula, o que impõe a necessidade de uma ação coordenada entre docentes, psicopedagogos e instrutores para a obtenção de maiores ganhos na formação do futuro Oficial do EB.

**REFERÊNCIAS**

- ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. **Cartilha do ensino por competência**. 2016. Documentação interna.
- BARBOSA, Rubens Antônio. **Os Estados Unidos pós 11 de setembro de 2001: implicações para a ordem mundial e para o Brasil**. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 45, n. 1, p. 72-91, 2002.
- BREAKWELL, Glynis M. et al. Métodos de pesquisa em psicologia. In: **Métodos de pesquisa em psicologia**. Artmed, 2010.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas**. Elsevier Brasil, 2008.
- EXÉRCITO BRASILEIRO. **O processo de transformação do Exército**. Estado Maior do Exército (EME), 3 ed, Brasília: 2010.
- GAETA, Cecília. **O professor iniciante no ensino superior: aprender, atuar e inovar**. Editora Senac: São Paulo, 2013.
- KHUN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Ed. 1996.
- PENNA, Eloisa MD. **Epistemologia e método na obra de CG Jung**. EDUC-Editora da PUC-SP, 2013.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013.
- ROBBINS, Stephen; JUDGE, Tim; SOBRAL, Filipe. **Comportamento organizacional: teoria e prática no contexto brasileiro**. Pearson Prentice Hall, 2010.
- SILVA, Flávio Ferreira da; RIBEIRO, Ricardo de Queiros Batista; VALENTE, Tulio Alcântara. **As metodologias ativas de aprendizagem e a motivação do cadete para o estudo**. Revista Agulhas Negras, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 53-71, dez. 2017. ISSN 2595-1084. Disponível em: <<http://www.ebrevistas.eb.mil.br/index.php/aman/article/view/895>>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. **Como aprender e ensinar competências**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2010.
- WITTACZIK, Lidiane Soares. **Ensino por Competências: possibilidades e limitações**. Atos de Pesquisa em Educação, v. 2, n. 1, p. 161-172, 2007.